

H.G.

WELLS

A GUERRA DOS MUNDOS



Tradução
Cassius Medauar

**H.G.
WELLS**

A GUERRA DOS MUNDOS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The war of the worlds

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
H. G. Wells

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Cassius Medauar

Design de capa
Wilson Gonçalves

Preparação
Edna Adorno

Imagens
delcarmat/shutterstock.com

Revisão
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W453g Wells, H. G.

A guerra dos mundos / H. G. Wells ; traduzido por Cassius Medauar.
- Jandira : Principis, 2021.
208 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da Literatura Mundial)

Tradução de: The war of the worlds
ISBN: 978-65-5552-287-7

1. Literatura inglesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Medauar, Cassius.
II. Título. III. Série.

2021-1420

CDD 823
CDU 821.111-31

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa: Romance 823
2. Literatura inglesa: Romance 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Mas quem habitará esses mundos se eles não forem habitados? Seremos nós ou eles os Senhores do Mundo?

E como são feitas todas as coisas para o homem?

– KEPLER (citado em *A anatomia da melancolia*)

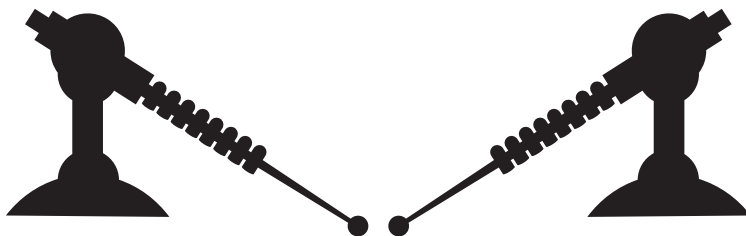
SUMÁRIO

LIVRO 1 – A chegada dos marcianos	9
Às vésperas da guerra	11
A Estrela Cadente.....	18
No campo em Horsell.....	23
O cilindro se abre	27
Raio de calor	31
O raio de calor na estrada de Chobham.....	36
Como cheguei até a minha casa	39
Noite de sexta-feira	44
A luta começa	48
Na tempestade	55
Na janela	62
O que eu vi da destruição de Weybridge e Shepperton	69
Como eu me entendi com o cura.....	81
Em Londres.....	87
O que aconteceu em Surrey	99
O êxodo de Londres.....	108
<i>A Criança Trovão</i>	122
LIVRO 2 – A Terra sob o domínio dos marcianos.....	133
Vencidos	135
O que vimos da casa arruinada	143
Os dias de encarceramento	153
A morte do padre	159

A calmaia	164
O trabalho de quinze dias	168
O homem na colina de Putney	172
Londres morta	189
Os escombros	198
Epílogo	204

LIVRO 1

A CHEGADA DOS MARCIANOS



ÀS VÉSPERAS DA GUERRA

Ninguém teria acreditado nos últimos anos do século XIX que este mundo estava sendo vigiado de perto e atentamente por inteligências mais avançadas que as humanas e, ainda assim, tão mortais quanto; que, à medida que os homens se envolviam com suas várias preocupações, eram examinados e estudados, talvez quase tão estreitamente quanto se examinam com microscópio as criaturas transitórias que se aglomeram e se multiplicam em uma gota d'água. Com infinita complacência, os homens iam e vinham por todo o mundo cuidando de seus pequenos negócios, serenos em sua certeza de seu domínio sobre a matéria. É possível que os protozoários sob o microscópio façam o mesmo.

Ninguém pensou nos mundos mais antigos do espaço como fontes de perigo para os humanos, nem pensou neles apenas para descartar a ideia de vida nesses planetas, pois isso seria impossível ou improvável. É curioso lembrar as ideias daqueles tempos remotos. A maioria dos homens imaginava poder haver outros homens em Marte, mas inferiores e prontos para receber um empreendimento missionário. No entanto, do outro lado do espaço, há mentes que são para nossas como as nossas são para as dos

animais que perecem. Intelectos vastos, frios e antipáticos encaravam a Terra, e com olhos invejosos de forma lenta e segura desenhavam seus planos contra nós. E, no início do século XX, veio a grande desilusão.

O planeta Marte, preciso lembrar o leitor, gira em torno do Sol à distância média de 230 milhões de quilômetros, e a luz e o calor que recebe do Sol são quase metade dos que são recebidos por este mundo. Ele deve ser, se a hipótese nebular tiver algo de verdadeiro, mais antigo que o nosso mundo; e muito antes de a Terra deixar de ser um mundo em formação, a vida em sua superfície pode ter começado seu curso. O fato de ter apenas um sétimo do volume da Terra certamente acelerou seu resfriamento até a temperatura em que a vida teria começado. Tem ar e água e tudo o que é necessário para dar suporte à existência.

No entanto, o homem é tão vaidoso e cego pela vaidade que até o fim do século XIX nenhum escritor expressou ideia alguma de que por lá, fora de lá ou em qualquer lugar além da esfera terrestre pudesse ter havido o desenvolvimento de vida inteligente. Tampouco se entendeu que, como Marte é mais antigo que a nossa Terra, tem apenas um quarto de área superficial e está mais longe do Sol, ele provavelmente não só começou antes de nós, mas também está próximo do fim.

O resfriamento secular que um dia há de tomar nosso planeta já foi bem longe com nosso vizinho. Sua condição física ainda é em grande parte um mistério, mas sabemos agora que, mesmo em sua região equatorial, a temperatura do meio-dia mal se aproxima da nossa temperatura no mais frio dos invernos. Seu ar é muito mais rarefeito que o nosso, seus oceanos encolheram até cobrir apenas um terço de sua superfície, e, à medida que mudam suas lentas estações, enormes calotas de neve se acumulam e derretem em ambos os polos e periodicamente inundam suas zonas temperadas. Esse último estágio de exaustão, que para nós ainda é incrivelmente remoto, é o problema que os habitantes de Marte enfrentam no presente.

A pressão imediata da necessidade iluminou-lhes o intelecto, ampliou-lhes o poder e endureceu-lhes o coração. E olhando espaço adentro, com inteligências e instrumentos jamais sonhados, eles nos veem, à distância mais próxima de apenas 56 milhões de quilômetros em relação ao Sol, como estrela matinal de esperança, como planeta mais quente que o deles, verde pela vegetação, cinza pela água, com atmosfera nublada e eloquente fertilidade, com vislumbres em meio a nuvens flutuantes, amplas extensões de países populosos e mares estreitos repletos de navios.

E nós, homens, as criaturas que habitam esta Terra, devemos ser para eles, pelo menos, tão estranhos e simplórios quanto são para nós os macacos e os lêmures. O lado intelectual do homem já admite que a vida é uma luta incessante pela existência, e aparentemente é nisso também que acreditam as mentes de Marte. Seu mundo está bem adiantado em seu resfriamento, e este mundo ainda está cheio de vida, mas povoado apenas com o que eles consideram animais inferiores. Realizar a guerra mais perto do Sol é, de fato, a única saída em face da destruição que, geração após geração, recai sobre eles.

E antes de julgá-los tão severamente, devemos lembrar a destruição implacável e total que nossa própria espécie infligiu, não apenas aos animais, como os bisontes desaparecidos e os dodôs, mas a raças humanas mais fracas. Os tasmanianos, apesar de tão humanos quanto elas, foram completamente varridos da existência em uma guerra de extermínio travada por imigrantes europeus, no espaço de cinquenta anos. Somos apóstolos da misericórdia a ponto de reclamar se os marcianos guerreiam no mesmo espírito?

Os marcianos parecem ter calculado sua descida com incrível precisão – seu saber matemático evidentemente excede em muito o nosso – e realizado seus preparativos quase à perfeição. Se nossos instrumentos permitissem, poderíamos ter percebido o problema crescente no século XIX. Homens como Schiaparelli observaram o planeta vermelho – e é curioso que por incontáveis séculos Marte tenha sido considerado o astro

da guerra –, mas falharam em interpretar as aparentes flutuações das marcações que eles mapeavam tão bem. É bem provável que durante esse tempo os marcianos estivessem se preparando.

Em 1894, quando a Terra ficou em oposição a Marte, uma grande luz foi vista na parte iluminada do disco, primeiro no Observatório Lick, depois por Perrotin, de Nice, depois por outros observadores. Os leitores ingleses ouviram falar dele pela primeira vez na edição da revista *Nature* de 2 de agosto. Estou inclinado a pensar que o clarão pode ter sido a fusão da enorme arma, no vasto poço enterrado fundo no planeta, do qual seus projéteis foram disparados contra nós. Marcas peculiares, ainda inexplicáveis, foram vistas perto do local da explosão durante as duas oposições seguintes.

A tempestade caiu sobre nós já faz seis anos. Quando Marte se aproximou da oposição, Lavelle, de Java, deixou a comunidade astronômica exultante com a fantástica descoberta de uma enorme erupção de gás incandescente sobre o planeta. Ocorreu perto da meia-noite do dia 12; e o espectroscópio, ao qual ele recorreu de imediato, indicava uma massa de gás flamejante, principalmente hidrogênio, movendo-se com enorme velocidade rumo a este planeta. Esse jato de fogo se tornaria invisível por volta de meia-noite e quinze. Ele comparou aquilo a uma nuvem colossal de chamas que, de forma repentina e violenta, esguichou para fora do planeta “do mesmo jeito que gases flamejantes saem de armas de fogo”.

Uma frase que se provou singularmente apropriada. Mesmo assim, no dia seguinte nada disso foi noticiado nos jornais, a não ser por uma notinha no *Daily Telegraph*, e o mundo continuou desconhecendo um dos perigos mais graves que já ameaçaram a raça humana. Eu nem teria ouvido falar da erupção se não tivesse me encontrado com Ogilvy, o conhecido astrônomo, em Ottershaw. Ele estava imensamente empolgado com as notícias e, dominado por seus sentimentos, convidou-me a acompanhá-lo naquela noite em um exame minucioso do planeta vermelho.

Apesar de tudo o que aconteceu desde então, ainda me lembro dessa vigília de maneira muito distinta: o observatório escuro e silencioso, a

lanterna sombria no canto lançando um brilho fraco no chão, o tique-taque constante do mecanismo de relógio do telescópio, a pequena fenda no teto, com sua profundidade oblonga pela qual se via uma faixa de poeira estelar. Ogilvy se movia, invisível, mas audível. Olhando pelo telescópio, víamos um círculo de azul profundo e o planetinha redondo nadando naquele campo. Parecia uma coisa tão pequena, tão brilhante, ínfima e imóvel, levemente marcada com listras transversais, praticamente um círculo perfeito um pouco achatado. Mas tão pequenino, de um prateado tão quente... era um alfinete de luz! Parecia que estava tremendo, mas, na verdade, era o telescópio que vibrava com a atividade do mecanismo de relógio que mantinha o planeta visível.

Enquanto eu observava, o planeta parecia aumentar e diminuir, avançar e retroceder, mas isso era simplesmente porque meus olhos estavam cansados. Estava a 64 milhões de quilômetros de nós, mais de 64 milhões de quilômetros de vazio. Poucas pessoas percebem a imensidão do vazio na qual flutua a poeira do universo material.

Dentro do campo visual, lembro-me, havia três pontos fracos de luz, três estrelas telescópicas infinitamente remotas na escuridão insondável do espaço vazio ao redor. É a escuridão que vemos em noite gelada e estrelada. No telescópio, parece muito mais profunda. E invisível para mim porque era pequena e estava muito distante, voando rápida e firmemente em minha direção por aquela distância incrível; aproximando-se a cada minuto por tantos milhares de quilômetros, veio a Coisa que eles estavam nos enviando, a Coisa que traria tanta luta, calamidade e morte à Terra. Eu jamais teria sonhado com aquilo enquanto observava o espaço; ninguém na Terra sonhava com aquele míssil infalível.

Naquela noite, houve outra erupção de gás vinda do planeta distante. Eu a vi. Um clarão avermelhado na borda, uma leve projeção do contorno, assim que o cronômetro atingiu a meia-noite; logo contei a Ogilvy e ele tomou o meu lugar. A noite estava quente e eu tinha sede. Saí para esticar as pernas, andando desajeitadamente e tateando para encontrar